

O
CARAPUCEIRO

02 DE AGOSTO
DE 1834



O CARAPUCEIRO,

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SO' PER ACCIDENS POLITICO.

*Hunc servare modum nostri novere libelli.
Pocere personis, dicere de vitiis,
Marcial Liv. 10. Epist. 33.*

Guardarei n'esta Folha as regras boas,
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

PERNAMBUCO NA TYPOGRAFIA FIDEDIGNA DE J. N. DE MELLO.

CARAPUÇAS COMMERCIAES.

Malfadada he sem duvida a condiçãõ de hum Periodiqueiro, e taõ occasionada ao arbitrio do Publico, quantos saõ os differentes modos de pensar de cada huin. *Trahit sua quemque voluptas* he o rifaõ que mais se verifica a respeito das gazetas. Briga, por ex.; huma serpente velha pecho-sarcom a vizinha, que he outra furia, por causa de huma bacorinha desta, que entrou no seu quintal, e lhe fucou huma pimenteira, quebrou-lhe hum caco de arruda, etc., e tudo isto aconteceu na villa do Limoeiro, onde nunca fui. Grita logo a resmelãõ da velha; *Para estes desafo* não ouço o Carapuceiro; o que sabe só he fallar das senhoras, de maior, o que he grande immoralida-

de, Hum gamenho vai todo empapuçado, e tezo pelas ruas com os olhos cravados nas janellas, requebrando o Madamismo, que de certo não está ali fazendo nei huma via sacra: tropica em huma pedrinha, salta-lhe o chapeo, *expixu-se completamente*, dá com as ventas em hum sedeiro, esmecha a cabeça, fica amalrotado, e enlamiado; e exclama sentencioso, *Por que não olha para estas cousas o Carapuceiro? Por que não lembra, que se calcem as ruas de requejões, ou goiabada? Disto não falla elle: só se occupa en dizer mal dos moços, amaveis, etc.: he hum Periodico muito immoral.* Até o Snr. Sentinella da Liberdade na sua primeira guarita, a de Pernambuco, onde hoje brada *Alerta*, quer, que eu, que moro em Olinda, grite contra os canoeiros, q

andad nús, como nascerdõ, reman-
do, ou varejando pela ponte da Boa-
vista, aterro dos Afogados, etc. Com
effeito aquelle meu N.º 21 he obra
muito immoral! Quem me mandou
bater nos Federalistas de já já? Pare-
ce, que todo o mundo, segundo o
seu interesse, gosto, e opinides quer,
que o Carapuceiro seja huma especie
de *Diabo côxo*, em continua correi-
çãõ sobre todos os telhados para ter
de que ralar, ou pelo menos outro
Piólho Viajante. E o que farei eu
nesto cazo? Será possivel agradar a
todos? Nad certamente; que este pri-
vilegio só he dado ao sancto dinhei-
ro. Logo sem me empacharem alvi-
tres, e sentenças de praguentos, e a-
gastadiços, direi com o bom Filinto
Elysio „ *Comprem-m'os, e valhem
muito embora.* „

Hoje tenho carapuças para os snrs.
Cacheiros, e por isso as bautizei por
commerciaes. Antes de tudo porém
cumpre fazer honrosas excepções,
sempre que se falla de qualquer cor-
poraçãõ, ou classe; porque isso de
carapuças sao' para quem saõ: assim
nad haverá razãõ de queixa. Gran-
des malandrinos, e velhaquêtes há
sem duvida na condiçãõ de cachei-
ros. Que branquinhas, que elles fa-
zem! Que sangrias, que dadõ na bol-
sa dos patrões! E se o cacheirinho
he de taverna; oh! isso he o mesmo,
que estar nas minas do Potozî. Que
insignes chimicos, que elles saõ! O
vinho mais azedo, mais derrancado,
e cascarrãõ elles o tempéraõ, e con-
certãõ de tal arte, que o impingem
por precioso Carcavelos, ou Feito-
ria, chegado no ultimo navio; e se
apertãõ com elles, mostrãõ prompta-
mente a factura, o Manifesto da em-

barcaçãõ, os preços correntes, o
cambio d'ali para aqui, e tudo com
humar taõ benigno, e labioso, que
o pobre comprador grama a logra-
çãõ, e fica ainda em sina agradeci-
do.

O vinagre nas mãos desses *Natura-
listas* tem a virtude da fabulosa *Phe-
nix*, que renascia. Sim huma pipa
de vinagre he cousa, que nad tem
fim; por que logo que chega a certa
altura, tractãõ de lhe dar nova vida,
enchendo-a com huma grande caldei-
rada d'agua de milho, etc., e ali es-
tã vinagre novissimo, que por mui-
to favor só se larga a os fregúezes a
800 rs. a canada. A manteiga está
sempre pedindo sal, e por conse-
quencia duplicaado, e quadruplican-
do no pezo. Os paños, e *etc.* nunca
ficãõ velhos; porque elles os
sabem engrachar, e envernizar de tal
geito, que parecem fresquiños, e
vindos n'aquella hora de Lamego. O
azeite de mamona, ou, como aqui
chamãõ, de carrapato, algumas ve-
zes vende se cazado com mel de fu-
ro, que tem quazi o mesmo corpo,
e côr.

Estas, e outras alicantinas pertencem á qualidade dos generos: e o
que direi das que elles fazem inces-
santemente na quantidade? Por mais
vigilantes, que andem os Fiscaes a
respeito de aferições de pezos, e me-
didas, os ladinissimos cacheiros sem-
pre sabem traças para fintar a o mi-
zeravel publico. Em huma libra de
toucinho, por ex., quazi sempre vai
de menos meã quarta, e ás vezes
mais; em huma canada de vinho
meo, e hum quartilho, etc. etc. *grão,
e grão a gatinha enche o papo,*

naõ deve admirar, que esses meni-
... enriqueçaõ consideravelmente da
noite para o dia.

Naõ pensem, que me fogem pela
malha os snrs. cacheirinhos de lojas
de fazendas; porque saõ tanto, ou
mais milhares, que os outros, da-
das sempre as devidas, se bem que
raras excepções. O mesmissimo Pine-
ti naõ foi certamente mais lesto, e
ligeiro nas suas peloticas, do que o
saõ nos dedos os nossos cacheiri-
nhos, quando medem o pano: naõ
há olho tao perspicaz, e penetrante,
que possa apauhar a dextreza, com
que sabem empequenitar a vara, ou
covado, sacando em cada hum meã
polgada, e ás vezes huma inteira,
conforme á qualidade do comprador,
p... cujo conhecimento tem elles
hum faro admiravel. Todas essas la-
droices chamaõ canidos, afóra as
grandes sangrias, que daõ aos pa-
trões: e o mais he, que nada os em-
pacha; por quanto he muito ordina-
rio ouvir-lhes dizer,, *O que foi o meu
putrão, se não cacheiro de fulano?
E não está hoje tao rico? De mais
eu estou nas circunstancias de ser seu
genro, assim como elle o veio a ser
de seu pratão: se lhe furto, tudo vem
e ficar em caza,,: e Domine: toca a
surripiar por todas as fórmas.*

O Patrões, vós, que, como lapi-
darios, melhor deveis entender de
pedras, abri os olhos a respeito dos
vossos cacheiros, que forem larapiõs,
e mais ladinos, que vós. Naõ vedes
a prodigiosa curteza de tempo, com
que daõ por justas as suas contas
com... estabelecem-se sobre si,
com... carregações importantes,
gafeaõ ricamente, passeã em gor-
dos, e apafados ginetes, e muitas ve-

zes do pé para a mão tornã-se mais
ricos, do que vós? Como se faz tudo
isto sem muitas, e muitas *trampoli-
nas*? Por isso dizia mui judiciosa, e
engraçadamente o grande P.^e Antonio
Vieira em hum dos Sermões,, *Quem
gasta menos, do que tem, he pruã-n-
te; quem gasta o que tem, he chris-
tão, quem gasta mais, do que tem,
he ladrão.*., Isto he, foi, e será ver-
dade em todos os tempos, e lugares:
isto he tao certo, e infallivel em mo-
ral, como o he em fizica, que os cor-
pos, que caem, augmentã a c...
dade na rasã inversa do quadrado
das distancias.

VARIEDADE.

Consolação para desgraças.

Encontrando-se dous amigos de-
pois de longa auzencia houve entre
elles a seguinte conversação.

Como tens passado, amigo, há tan-
to tempo? *Muito bem. Cazei-me de-
pois da nossa separação. Boa notie-
cia! Nao' muito boa; porque cazei
com a mulher mais endiabrada, que
o mundo tem visto. Muito mau foi is-
so. Nao' foi certamente; porque a
consorie trouxe-me doze mil cruzados
de dote. Está feito; isso havia conso-
lar-te. Nao' há tal; porque empre-
guei o dinheiro em bois, que todos
me morrerãõ do mal triste. Grande
infortunio! Tao' bem; porque nos cou-
ros fiz quazi tanto, quanto me custã-
raõ os bois. Oh! entao' ficaste indem-
nizado. De sorte alguma; porque a
minha caza, onde estavaõ as lettras
dessa somma, ardeo toda. Oh!, ami-
go, que desgraça! Qual desgraça!
Tao' bem lá morreo queimada minha
mulher.*

Meio de conservar os dentes.

Todos os ácidos, sem excepção, alterao, e danificao' mais, ou menos o esmalte dos dentes; e por esse motivo devem ser proscriptos das preparações dos dentrificicos, ou remedios, que conservao', e limpao' os dentes, assim como o cremor tartaro, assucar, etc. Os alcalis pelo contrario, hem' longe de atacar o esmalte dos dentes, tem a propriedade de decompor o phosphato de cal, ou pedra dos dentes, que se depozita continuamente ao redor delles. O dentrificico seguinte he o mais vantajozo de quantos até aqui se há usado. — Carvao' de pau em pó subtil, onça huma. * Chlorato de posassa, meá 8.^a. Agoa destilada de ortelã, quanto baste para formar huma massa. — Lança-se o Chlorato em hum almofariz de vidro, em cima huma colher de sôpa d'agoa d'ortelã; e depois de bem triturado tudo, ajunta-se-lhe pouco a pouco o carvao': mixtura-se cuidadosamente, deitando mais a quantidade d'agoa d'ortelã necessaria para fazer desta mixtura huma massa hum pouco liquida, a qual se deve conservar em hum vidro de bôcca larga bem tapada.

Na occasião de dormir á noite

* Chlorato de potassa (*Chloras potassie*) he hum sal branco, de sabor frio, e hum pouco azedo. Alguns AA. o dão internamente para curar as molestias venereas.

a pessoa esfregará os dentes com huma escovinha bem macia, molhada nesta preparação. Os que usarem deste remedio, deverão somente escarrar, e encher os labios: não se esfreguem porém os dentes, e bocca, deixando o dentrificico, pegado a os dentes, obrar durante a noite. No dia seguinte de manhã molha-se outra escovinha, que não seja tão branda, em huma mixtura composta de quatro onças d'agoa ardente, e outro tanto d'agoa de ortelã com huma colher de Chloruro de sodium (*sal marinho, ou de cozinha.*) Escovad-se ligeiramente os dentes, e limpa-se a bôcca com este mesmo licor. — Em pouco tempo os dentes se tornaõ mui brancos; e se alguns delles se achao' podres por causa de caria, a suspende, e cura, e tira o alito desagradavel. A agoa de hortelã nao' deve ser substituida por outra qualquer aromatica, e cheirosa; pelo contrario convem empregar a mesma agoa de ortelã bem vigorada; por que ella possui a propriedade de conservar a bôcca muito fresca, e prevenir as dores de dentes.

H. C. de Dyon.

Traduzido do Jornal das Sciencias uteis pelo Sr. Cirurgião Mór Joaquim Jeronymo Sampa